

BENZEDEIRAS E REZADEIRAS – A SOBREVIVÊNCIA DA IDENTIDADE E DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS NOS ESPAÇOS URBANOS

Rosângela Paulino de Oliveira¹

Resumo Este artigo é resultado de uma pesquisa com sete mulheres negras das periferias de São Paulo que preservam o ofício benzer e rezar. São sete histórias de vida, com sete diferentes olhares e saberes originários de diferentes lugares do Brasil. Apresentam histórias pautadas pelo racismo, preconceito, estigmas e preocupação com o futuro. Relato das dificuldades de passar seus saberes para as novas gerações devido à carga pejorativa atribuída pelos neopentecostais, que são presença maciça nas periferias, e a falta de interesse dos jovens que tentam a todo custo, mesmo pobres, acompanhar o ritmo da sociedade moderna.

Palavras-chave: benzedeadas – rezadeiras – mulheres negras – práticas urbanas

¹ Professora de Ensino Superior na Universidade Nove de Julho – Uninove – São Paulo-SP. Mestre e Doutora em Antropologia Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Brasil. Membro do grupo de pesquisa *Multiculturalismo e Educação*, junto ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). E-mail: rose.paulino@uol.com.br

Percurso da pesquisa

Os procedimentos teórico-metodológicos empregados nesta pesquisa são de caráter etnográfico e etnológico, utilizados para mapear e pesquisar a história de vida das sete benzedadeiras e rezadeiras apresentadas neste artigo. Parte de discussões em torno da memória, história e tradição oral e, mais especificamente, da religiosidade popular.

O interesse sobre o tema surge a partir do relato informal de um rapaz no metrô de São Paulo sobre uma senhora, sua vizinha, que havia sido atacada por evangélicos. Como os ataques as religiões afrobrasileiras e seus adeptos são cada vez mais freqüentes, enquanto antropóloga e pesquisadora resolvi investigar quantas benzedadeiras e rezadeiras seria possível mapear a partir da minha rede de relacionamentos familiares e de trabalho. Cheguei a sete mulheres e com muito tato fui investigando as histórias de vida de cada uma.

A preocupação com a pesquisa desde o principio foi mais qualitativa do que quantitativa. Influenciada pelo relato do rapaz a um amigo, parti da hipótese que o ofício de benzedeira já estava quase extinto e que o fato de ser uma prática informal, de ação comunitária pessoal, sem estarem diretamente ligadas a uma instituição religiosa, os ataques seriam ocasionais, sem caracterizar perseguição.

A partir dos primeiros diálogos com as fontes ficou constatado que, embora algumas delas não levem os insultos tão a sério, eles são constantes, das sete cinco já foram insultadas por “crentes”, como chamam os evangélicos e duas já passaram constrangimentos ao serem apontadas na rua como filhas do diabo. Por conta disso, e a pedido da família, os nomes e endereços são documentados, mas preservados. Todas são chamadas por apelidos que elas mesmas escolheram.

O respeito com as histórias de cada uma e o compromisso em preservar suas identidades foi fundamental para a conclusão deste trabalho que foi apresentado a elas e aprovado antes de apresentado para o público externo.

Mulheres de Fé

Segundo a teóloga Ivone Gebara², *as mulheres são seres para os outros. E os homens são seres para si mesmos*. É com este pensamento que começo a narrar à história das benzedeadas e rezadeiras que moram nas periferias de São Paulo – Osasco, Poá, Ferraz de Vasconcelos, Santo Amaro, Guarulhos. Em regiões caracterizadas pela forte concentração de população negra e pobre. As entrevistadas são sete mulheres que fazem da sua vida uma profissão de fé. A mais tempo do que se lembram acordam todas as manhãs com pessoas batendo a sua porta em busca de uma benção para os mais diversos tipos de problemas. Benzem, rezam, firmam pontos, ouvem, aconselham e não cobram nada. São todas mulheres negras, pobres, oriundas de outros estados e regiões do Brasil e que carregam a sina aliviar o sofrimento de homens, mulheres e crianças e transmitir esses saberes para seus descendentes.

Desde a escravidão a mulher negra tornou-se referência de cuidado, de zelo pelo outro e isso não mudou na vida dessas velhas senhoras. Hoje são livres, ganharam alforria, mas continuam cozinhando, lavando, passando, esfregando chão, cuidando dos seus próprios filhos e netos, mas também dos filhos e netos das senhoras brancas para quem algumas ainda trabalham, mesmo com mais de 60 anos.

Algumas vivem em condições de extrema penúria, atingidas pela pobreza e pela violência que atinge todas as periferias, sem distinção, e passam necessidades as mais diversas. A fé é seu grande apoio, seu axé. Sua atuação na comunidade se completa com sua força espiritual. Ser benzedeadas, rezadeiras, está para além da religião que professam. São participantes de religiões afrobrasileiras como Umbanda e Candomblé, de pastorais católicas ou somente tementes a Deus, conforme a benzedeadas D. Ioiô afirma:

Não tenho uma religião certa. Fui criada na roça e só via o padre uma vez por mês. Mas sempre rezamos muito, todo mudo mundo era temente a Deus e foi esse temor que nos ajudou a sobreviver das penúrias da vida. Aprendemos as rezas e as histórias dos anjos e santos com os mais velhos e continuo assim até hoje. Quando mudei pra cá eu até comecei a ir a igreja

² GEBARA, Ivone. Cultura e relação de gênero. São Paulo: Ed. Cepis, 2002. p. 13

católica, mas lá tinha um padre daqueles bem tradicional e ele ficou sabendo que minha mãe era benzedeira e aí disse que se eu quisesse fazer primeira comunhão minha mãe tinha que se converter e parar com isso. Aí eu fiquei muito brava e não voltei mais.

É por intermédio do sagrado que elas vão forjando a vida, a resistência de uma parte da população que não tem outras possibilidades a não ser a crença na própria vida e na intercessão divina que se manifesta pelas mãos dessas velhas senhoras. São mulheres negras que, enquanto ainda resistem, falam com autoridade e segurança, guardam os segredos das gerações passadas e os transmite com muita cautela, somente para os iniciados ou para seus escolhidos, que devido à fragmentação das relações, é cada vez mais frequente não serem seus parentes sanguíneos. Sabem a linguagem e o segredo das plantas e dos elementos da natureza, todos muito bem guardados na memória.

Mulheres que tem um passado de luta, determinação e resistência profundamente enraizada em sua história. São símbolos de tradição e resistência nas comunidades e através de uma rede de relações seguem um modelo de vida que as leva a enfrentar quaisquer adversidades, sejam de que ordem for. Por isso ao serem agredidas por evangélicos se compadecem deles e rezam ainda mais.

Tenho dó desses pobres infelizes que se acham donos da verdade e saem por aí gritando e xingando os outros. Somente Deus é dono da verdade. Somente ele pode julgar e ainda assim é misericordioso com todos nós pobres pecadores que não sabemos de nada. (D. Zefa – benzedeira e rezadeira)

Historicamente essas mulheres negras enfrentam uma batalha sem tréguas para manter suas famílias, criar seus filhos, sempre trabalharam fora e em grande parte como mão de obra barata. Residem em bairros e moradias precários, sofre todo tipo de violência em escala bem maior que as demais mulheres e formam o grande contingente de mulheres chefes de família. Cuidaram dos filhos e hoje cuidam dos netos e bisnetos, bem como dos filhos de outras mulheres. A memória é seu maior patrimônio na idade avançada. É

o que dá sentido à sobrevivência e garante a imortalidade das gerações que as antecederam.

Conforme Halbwachs, preservar a memória é fundamental para a compreensão de identidade de um determinado grupo, pois “o grupo, no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo” (HALBWACHS, 1990:87).

Entre tantas manifestações do universo mítico negro que faz parte da memória dessas mulheres, podemos destaca as benzeções, onde elas enquanto benzedoras surgem como um elemento social que desempenha – no meio rural ou na periferia dos centros urbanos – a função de mantenedora do equilíbrio entre saúde/doença e do bem/mal.

Conforme Oliveira (1985), a bênção é um veículo que possibilita ao seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro e entre ambos, simultaneamente.

A comunidade afro-descendente e os pobres em geral, dão muito valor à arte de curar, por cuja prática não se exige remuneração. Cada qual, de acordo com o que pode, paga a benção recebida com um simples agrado, que não pode ser considerado um pagamento. E essa tradição as velhas negras fazem questão de manter, mesmo que diante da própria família e da sociedade mais abrangente e capitalista, elas sejam consideradas “bobas”. Essa especialidade feminina também está se perdendo junto à massa, o cimento e o asfalto. Ensinar a gratuidade e a compaixão é considerado fora de moda e justificado pelo ditado que diz que as pessoas só valorizam aquilo que pagam ou que dá trabalho.

Contudo Andrade (2006), afirma que não há perigo dessas tradições sumirem, pois há sucessores para essas velhas dentro da própria família, mas que não aparecerão enquanto elas estiverem vivas. Que, aliás, essa é a tradição.

As rezadeiras ou benzedadeiras são mulheres que usando de uma sabedoria ancestral acionam conhecimentos do catolicismo popular, súplicas e rezas com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam a sua ajuda. Para executar sua prática

ritual de cura, elas fazem uso de vários elementos, como ramos de ervas verdes, gestos e imposição das mãos, agulha, linha, pano, tesoura, carvão, reza, copo com água, entre outros. O ritual é geralmente executado na presença, no entanto, devido ao deslocamento das famílias, mesmo sem gostar, muitas também o fazem à distância.

Apesar da maioria dessas mulheres admitirem que aprenderam o ofício com parentes próximos como as avós, as mães, as tias, sogras etc, há aquelas que afirmam ter adquirido o conhecimento sozinhas, que descobriram que tinham o dom espontaneamente num momento de necessidade da própria família ou de amigos.

Embora a pesquisa priorize o papel das mulheres nesse processo de cura, as entrevistadas mesmo afirmam a importância dos homens nesse processo de transmissão de saberes, pois várias delas foram levadas a benzedores homens quando criança, algumas tiveram na figura do pai e tios essa referência e até hoje convivem/conhecem homens que exercem essa atividade. No entanto, conforme depoimento de uma entrevista, “a maioria deles sejam raizeiros ou rezadores e não benzedores”. Declaração esta que entra em consonância com as pesquisas de Loyola (1984) para quem as rezadeiras se limitam a dar bênçãos e a rezar para curar as doenças; já o curador, além de realizar rezas, consegue entrar em contato com forças superiores, faz uso de trajes especiais, de orações e de implementos religiosos. Mas seja como for, por transmissão de saberes ou por intuição, todas são unânimes em afirmar que sem ter o dom de nada adiantaria e por ser este um dom divino, não podem e não cobram pelas suas rezas, tem que ser por caridade, afinal o que é de Deus não se cobra, se paga, afirma dona Zefa, 91, benzedeira e rezadeira.

Em seu ofício dividem-se como benzedoiras e rezadeiras e algumas exercem as duas funções.

As benzedoiras - Há três elementos essenciais que envolvem a ação das benzedoiras com seus consulentes: a fórmula da bênção, a fé na cura que é dom de Deus e a confiança da comunidade no seu poder de cura. Ela tem que ser uma referência na comunidade onde mora, ser reconhecida pelo entorno e tem que saber as orações, os gestos e simpatias para curar picada

de cobra, espinhela caída, quebranto, mau olhado, cobreiro, para rezar em ofendido de bicho mau, estancar sangue, para curar bicheira e outras coisas. Tem que ter legitimidade.

- **As rezadeiras** – Apesar de ter um papel muito parecido com o da benzedeira e de também o ser, os serviços de curas oferecidos pelas rezadeiras são amplos, vão desde os problemas relacionados ao corpo físico até desequilíbrios de ordem espiritual. Além dos problemas que afetam a ordem social, econômica e psicológica do indivíduo ou do grupo. Bem como afastam maus espíritos, encostos e demais fenômenos de possessão.

Retratos da Fé

Sete mulheres, “sete destinos diferentes, sete sinas, sete caminhos para coração”³. Para todas essas sete mulheres – duas Marias, uma Bel, duas Zezé, uma Ioiô e uma Zefa - o ritual de benzer é coberto de mistérios, vai além da sua compreensão e vontade. Afirmaram com convicção que é um dom recebido de Deus e só lhes resta cumprir. Atestam que para nenhuma foi uma escolha:

Minha mãe era benzedeira, assim como minha avó tinha sido. Um dia minha mãe adoeceu e as pessoas, mesmo sabendo que ela estava acamada, continuavam indo lá atrás dela. Sem querer comecei a fazer umas orações, dar uns conselhos pra aliviar a angústia das pessoas. Aí minha mãe foi me ensinando umas coisas e quando ela morreu continuei. Isso já faz 37 anos e tenho muita devoção nos santos, faço tudo com muito amor. (D. Maria, 78 anos, benzedeira)

Quando mudei pra cá, vinda lá do sertão do Ceará tudo era muito pobre, não tinha como ir pra cidade atrás de médico e muita gente, muita criança ficava doente. Aí lembrei que lá onde morávamos era assim também e cresci com dona Cotó rezando e curando todo tipo de mal da vizinhança e de gente que vinha de longe. Aí fui lembrando o que ela fazia e fui dando meu jeitinho aqui também. Hoje já tem posto médico perto, mas tem muita gente que ainda vem aqui atrás de mim. Tô nesse ofício há 41 anos e ficarei até quando Deus quiser. (D. Maria, 72 anos, rezadeira)

³ Verso da primeira estrofe da música Sete Marias – Sá & Guarabira.

Vixi, mesmo depois de 35 anos rezando as pessoas ainda morro de vergonha. Mas não é do ofício não, pois sei que esse é meu ofício. Tenho vergonha é das pessoas, sempre fui assim. Sempre me custou muito olhar as pessoas e falar qualquer coisa. Nesse sentido as rezas me ajudaram pois quando alguém vem procurar ajuda geralmente vem com humildade, com mais vergonha e mais angústia do que a gente, aí uma coragem toma conta da gente e tudo vai acontecendo. (D. Bel, 70 anos, benzedeira)

Sempre achei que esse negócio de benzer não era pra mim, minha avó sim era da pá virada. Não tinha coisa que ela não desse um jeito. Sabia reza pra tudo. Era danada. Minha mãe mal sabia rezar um padre nosso, mas minha avó pedia tudo pra mim, sou a neta mais velha e sem querer fui aprendendo as folhas, as misturas, as rezas e quando ela morreu aos poucos fui assumindo esse lugar, afinal as pessoas continuavam indo lá em casa e pediam pra que eu fizesse ao menos uma oração e aqui estou há 53 anos ainda benzendo. (D. Zezé, 83, benzedeira)

Desde os 12 anos eu já rezava as pessoas junto com minha tia, irmã mais velha da minha mãe. Tia Dodô foi quem herdou os dons da minha avó e passou pra mim. Ela sabia fazer muito remédio, garrafada, unguento, chás e dava tudo certo. Aprendi tudo que sei com ela e depois fui aprendendo mais um pouco, umas coisas que vem por intuição, coisa de Deus mesmo. Pelo menos eu acredito assim. E lá vai pra mais de 60 anos. (D. Zezé, 79 anos – benzedeira e rezadeira)

Não faz tanto tempo que eu benzo, não. Faz mais ou menos uns 20 anos. Minha mãe é que sempre acudiu todo mundo, desde quando morava lá na Bahia. Pouco antes dela morrer, há vinte anos, ela queria que eu aprendesse tudo pra ficar no lugar dela, mas eu não queria. Aí ela inventou que queria fazer um livro de orações e que queria que eu escrevesse, pois só confiava em mim. Aí comecei a ajudar e nesse tempo ela foi passando as orações e como se devia rezar. Fui me encantando, pois é muita coisa. Tem folha certa, hora certa, tom de voz certo é muita coisa. Quando ela morreu eu já sabia quase tudo e aí devagarinho fui benzendo os conhecidos e até hoje faço isso e com muito carinho. Sempre sorrindo, pois lembro como minha mãe me deu bolo e me envolveu nessa. (D. Ioiô, 52 anos, benzedeira)

Eu sempre fui danada e desde criança ficava observando meu avô benzer e imitava ele. Benzia a criançada toda, os bichos, fazia até unguento quando não conseguia roubar o dele. A gente morava na zona rural numa

cidadezinha lá na Bahia e quando mudamos pra São Paulo, porque meu pai veio atrás de serviço, continuei brincando disso. Só que tinha uma senhoria no bairro que benzia e começou a me chamar e pediu pra minha mãe me deixar ajudá-la que me daria um trocadinho. Passei a ajudá-la e fui aprendendo umas coisas e dizendo pra ela que meu avô fazia de outro jeito e foi uma troca só. Anos mais tarde, já tava casada, com filhos e apareceu uma vizinha em casa de madrugada pedindo socorro que o filho dela tava morrendo. Médico era longe e não tinha carro pra levar. Benzi a criança, fiz compressa, juntei umas folhas e fiz um chá pra acalmar as lombrigas e fique de vigília a madrugada toda. Salvei o bichinho. Tava botando bicha até pelo ouvido e isso mata mesmo. Depois disso passei a socorrer foi gente de tudo que é coisa. (D. Zefa, 91 anos, benzedeira e rezadeira)

Percebemos que a formar como cada uma dessas sete mulheres se envolveu com a o ofício de rezar e benzer está ligado à memória e a sentimentos profundos de com familiares que terminaram por definir sua identidade e conforme Del Priory,

Toda a memória humana é, assim, memória de alguém. De uma pessoa determinada e dotada de um sentimento especial. Sentimento definido por um nome próprio. Mas também pelo limite entre a pessoa e o mundo exterior. Para cada pessoa, sua memória tem duas faces. Ela se refere ao Eu, mas, também, ao olhar que a pessoa tem sobre si mesma. Por isso, ninguém pode ser privado de memória sem ser despossuído de identidade. Sem memória, uma pessoa não se reconhece. Ela se despedaça... Deixa de existir. Neste sentido, toda pessoa é memória, embora, não seja, apenas, memória. As lembranças que podemos invocar à vontade ou os restos registrados de nossas experiências vividas são a matéria-prima da memória humana. (HORTA e DEL PRIORE, 2005)

RESISTÊNCIA

Os ritos africanos que cultuam os orixás e outras divindades africanas foram iniciados no Brasil a partir de meados do século XVI por negros africanos escravizados durante o processo de colonização (SIQUEIRA, 2009).

E apesar de tão antigo, é cada vez mais comum ouvirmos e vemos em programas de televisão, de rádio e nos alto-falantes, jornais e placas das igrejas neopentecostais ataques as religiões afro-brasileiras e seus adeptos.

O neopentecostalismo parte da crença de que é necessário investir esforços para eliminar a presença e a ação do demônio no mundo. O problema é que classificam as religiões afrobrasileiras como espaços privilegiados de culto e ação do demônio e seus adeptos como representantes e disseminadores do mal. Assim travam uma verdadeira batalha para livrar o mundo do mal representado pelos orixás, erês e principalmente por exus e pombagiras.

Esse movimento das igrejas neopentecostais contras as religiões afro-brasileiras surgiu no início do século XX, mais especificamente a partir dos anos de 1950 e 1960, quando o movimento religioso investe num sistema teológico e doutrinário visando expandir a base de suas igrejas e aumentar o número de adeptos. Investiu, sobretudo, na doutrina da cura divina e da libertação, ganhando assim mais visibilidade, surgiram diversas denominações religiosas e passaram a ser chamadas, muitas vezes, de “igrejas de cura”.

Conforme Mariano (1999:31), as estratégias de proselitismo e conversão em massa, preservou as características básicas do movimento que já tinha 40 anos, como a doutrina dos dons carismáticos (fé, profecia, discernimento, cura, línguas etc.), o sectarismo e o ascetismo.

A partir dos anos de 1970 começa uma nova fase para os neopentecostais e as igrejas claramente abandonam, ou abrandam o ascetismo e passa a valorizar cada vez mais o pragmatismo, utilizando uma gestão cada vez mais empresarial na condução dos templos e dando ênfase total na chamada teologia da prosperidade. A partir daí as igrejas passa a utilizar a mídia para o trabalho de proselitismo em massa e de propaganda religiosa, iniciando as chamadas batalhas espirituais, cujo alvo é, sobretudo, as religiões afro-brasileiras e o espiritismo.

Essas batalhas agregam cada vez mais adeptos que empoderados pelos midiáticos líderes espirituais, saem às ruas combatendo o demônio e atacando desde crianças até idosos. Invadem templos, casas, reuniões, quaisquer espaços onde identifiquem a presença de adeptos dos cultos afro-brasileiros.

O bispo Edir Macedo⁴, um dos mais enfáticos opositores aos cultos de origem afro-brasileiros, em 1988, ano em que se celebrava os 200 anos da Abolição da Escravatura, publicou um livro chamado *Orixás, caboclos & guias. Deuses ou demônios?*⁵ A publicação, que já vendeu mais de 3 milhões de exemplares virou um verdadeiro catecismo para os adeptos da religião.

No livro Macedo denuncia, conforme suas próprias concepções, descritas no prefácio de J. Cabral,

... as manobras satânicas através do kardecismo, da Umbanda, do Candomblé e outras seitas similares; coloca a descoberto as verdadeiras intenções dos demônios que se fazem passar por orixás, exus, erês, e ensina a fórmula para que a pessoa se liberte do seu domínio (*apud* Macedo 1996 [1988]:20).

O livro foi alvo de processo por prática discriminatória as religiões afro-brasileiras e por incitar a violências contra seus adeptos. E, apesar da proibição de qualquer forma de discriminação pelo Estado brasileiro, afirmada na Constituição brasileira, o mesmo foi liberado pela justiça e circula livremente nas mãos dos fiéis.

Conforme Nunes (2004) vivemos numa sociedade onde ocorreu e vêm ocorrendo mudanças significativas, fato este que exige mudanças radicais, também na religião e na igreja. E nesse sentido, quem mais sofre são as religiões tradicionais, e, mais especificamente, as religiões afrobrasileiras.

Historicamente as religiões afro-brasileiras sempre sofreram ataques, seus líderes e membros, tiveram que forjar várias estratégias de sobrevivência e diálogo. Por conta disso, seus representantes têm procurado meios de estabelecer relações com político, entidades federativas, com o movimento negro e organizações não-governamentais, para forjar mais uma vez a resistência com amparo legal.

SILVA (2004) afirma que as reações dos religiosos afrobrasileiros vêm crescendo nos últimos anos diante dos ataques dos neopentecostais, embora

⁴ Bispo evangélico, televangelista, escritor e empresário brasileiro. É o fundador e atual líder espiritual da Igreja Universal do Reino de Deus e proprietário da Rede Record, a segunda maior emissora de televisão do país.

⁵ MACEDO, Edir. 1996 [1988]. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Editora Universal.

ainda estejam muito longe de representar um movimento articulado que faça frente ao movimento bem articulado e estruturado dos evangélicos. Contudo enfatiza categoricamente que ainda existe a necessidade de uma reação mais forte e organizada para buscar a preservação da aceitação e da legitimidade conquistada duramente junto à sociedade brasileira.

Várias ações judiciais vêm sendo registradas pelos líderes das religiões afrobrasileiras contra pastores e suas igrejas neopentecostais, bem como as redes de rádio e televisão, que insistem em atacar publicamente as religiões afrobrasileiras e seus adeptos, insistentemente caracterizando-as como demoníacas e desqualificando seus líderes. Muitas dessas ações vêm dando resultado favorável.

Contudo quando se fala das benzedeiras e rezadeiras os casos ainda são pouco divulgados pois elas se sentem pouco a vontade para reagir publicamente. Das sete mulheres entrevistadas cinco já sofreram ataques de neopentecostais e nenhuma denunciou o ocorrido, mas todas têm tomado cuidados com a casa e ao sair nas ruas para não serem assediadas, conforme descrevem:

Eu estava em casa molhando as plantas perto do portão quando um grupo de umas seis pessoas, homens e mulheres, começaram a pregar e gritar sai satanás, queima, livra a terra desse demônio que diz curar as pessoas, esse demônio enganador. E jogaram água, um pó e dois jogaram pedra. O pior é que uma das mulheres eu conheço desde que nasceu a mãe dela é minha amiga e trouxe ela várias vezes ao longo dos anos para rezar. É muito triste ver ela agindo assim, pois me conhece bem e o pior é que nem tentou se esconder, gritava alto todos os desaforos. Minha filha pegou a mangueira e começou a jogar água neles para afastar da casa e me colocou pra dentro. Agora estamos aumentando o muro e só atendo gente conhecida. Não adianta ir na polícia, é a palavra deles contra a nossa. Tá perigoso demais e todo cuidado é pouco. (D. Maria, 72, rezadeira)

Faz mais ou menos uno que todo semana uns crentes passam aqui toda semana e jogam água, óleo de ungir e rezam no meu portão. Já tentei conversar, meu filho ameaçou, conversou com um amigo da polícia e ele disse que se não tem agressão não é crime. Então arrumamos um cachorro mais brabo, agora têm arame farpado no muro e o portão só vive fechado a chave, coisa que não acontecia antes, minha casa era a casa de todo mundo, toda hora tinha gente aqui me procurando para benzer, para ajudar

em alguma coisa. Não entendo o que estou fazendo de mal, Deus é um só e ama todo mundo igual, independente de religião. Já to até acostumada com os insultos, são sempre os mesmo. (D. Bel, 70 anos, benzedeira)

Já perdi a conta das vezes que fui xingada de agente do Satanás, de agente do mal, de maldita. O pior de tudo é que são pessoas que vi crescer, que brincaram com os meus filhos e netos e agora querem me crucificar. A mãe de dois rapazes já veio até me pedir desculpas pelos ataques dos filhos, diz que estão loucos, para eu perdoar. Tenho dó dela coitada, os filhos ficaram fanáticos e só não fizeram nada contra mim porque tenho cinco filhos homens e todos moram aqui perto de mim se não pode ter certeza que já tinham me atacado, eles tem muita raiva, não sei como podem falar em nome de Deus com tanto ódio no coração. (D. Zezé, 83 anos, benzedeira)

Tá vendo essa marca no meu braço? Foi uma pedrada de uma crente que me acertou. Eu tava sentada aqui no quintal penteando o cabelo da minha neta quando apareceu um grupo de crentes no portão gritando e tacaram uma pedra que acertou meu braço com tamanha força que me machucou e deixou essa marca. Imagine se tivesse pegado na cabeça da menina ou em outra parte do meu corpo! Corri pra dentro e eles chegaram a entrar no quintal e derrubaram todos os meus vasos de plantas dizendo que eram ervas do diabo. Meus dois netos adolescentes é que pegaram paus e saíram pra enfrentar eles e botaram todo mundo pra correr. Fiquei muito assustada e só fico trancada agora e só saio em companhia de alguém. Minha neta ficou um tempão sem dormir direito. (D. Zezé, 79 anos, benzedeira e rezadeira)

Eu nunca fui atacada diretamente, mas tenho uma vizinha que vive com o rádio ligado com músicas evangélicas virado aqui pra casa. Coloca programas da Igreja Mundial bem alto e o pessoal de uma igreja aqui da esquina já fez dois cultos aqui em frente de casa. Já ungiram meu muro inteiro, mas pra mim mesmo nunca falaram nada. Mas tomo todo cuidado possível, infelizmente eles não são de confiança. (D. Ioiô, 52 anos, benzedeira)

A partir do depoimento dessas cinco mulheres, todas da terceira idade, podemos constatar que os neopentecostais, mesmo os mais próximos, se deixam inflamar pelas doutrinas aprendidas nos templos e encabeçam a cruzada contra quaisquer membros das tradições afrobrasileiras.

Considerações Finais

Ao final desse trabalho foi possível constatar que as o ofício das benzedeadas e rezadeira ainda está garantido por um bom tempo, pois assim como elas não escolheram seu ofício, foi substituindo a mãe ou a avó a partir das necessidades da comunidade, o mesmo acontecerá com elas. É o que elas todas afirmam e tem fé, afirma inclusive que já sabe quem da família as substituirá.

Contrariando a hipótese inicial, de que o assédio e agressão por parte dos neopentecostais não se caracterizaria como perseguição a essas mulheres, constatamos que os ataques são cada vez mais agressivos e sistemáticos, obrigando-as a mudar a rotina de casa e de atendimento a comunidade e reforçar a segurança com muros e trancas. Apesar disso, nenhuma recorreu a polícia, não sentem necessidade de denúncia formal e acreditam que com cuidado e apoio da família podem se cuidar, apesar do medo.

Não encontramos nenhum caso de denúncia de benzedeadas e rezadeiras, mas já é um fato registrado e que merece atenção, cuidado e providências.

Referências

- GEBARA, Ivone. *Cultura e relação de gênero*. São Paulo: Ed.Cepis, 2002. p. 13
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; DEL PRIORE, Mary. *Proposta Pedagógica: Memória, Patrimônio e Identidade*. Ministério da Educação. Boletim 04, 2005.
- LOYOLA, Maria Andrea. *Médicos e curandeiros: conflito social e saúde*. São Paulo: DEFEL 1984.
- MACEDO, Edir. 1996 [1988]. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* Rio de Janeiro: Editora Universal.
- MARIANO, Ricardo. 1991. “*Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada*”. *Revista USP*, 31:120-131.
- NUNES, Maria José Rosado. O catolicismo sob o escrutínio da modernidade. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (orgs.) *Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004, p.2236.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção*. 2a ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Artigo de Revista

- SILVA, Vagner Gonçalves da. *Neopentecostalismo e religiões afrobrasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo*. In: *Mana. Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, Museu Nacional, 13 (1), 2004, pp 207236.
- SIQUEIRA, Sônia Aparecida de. *Multiculturalismo e Religiões afrobrasileiras. O Exemplo do Candomblé*. In: *Revista de Estudos da religião*. São Paulo, PUC, Março, (9), 2009, pp. 3655.
- Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv1_2009/t_siqueira.pdf .

